

## “UM DIA ME DISSERAM QUE AS NUVENS NÃO ERAM DE ALGODÃO”, A IDENTIDADE DA CRIANÇA DE ELITE NO BRASIL IMPÉRIO: PRIVILEGIOS OU PRISÕES?

Fabiola Maria Silvino<sup>1</sup>

Mateus Holanda de Queiroz<sup>2</sup>

Nadja Dias da Silva Xavier<sup>3</sup>

Rafael Júnior do Nascimento Gomes<sup>4</sup>

Lívia Sonalle do Nascimento Silva 5

### RESUMO

O trabalho em tela tem como objetivo apresentar como se constituiu a identidade da criança de elite no Brasil império. Para fins de metodologia, desenvolvemos nossa pesquisa a luz de Lakatos (2003) caracterizando assim essa, como uma pesquisa dedutiva, qualitativa, de campo e bibliográfica, com instrumento de coleta de dados, o questionário. Como referencial de teoria nos embasamos nas discussões de Bauman (2005) e Hall (2011) quando esses vêm traçar os caminhos que as teorias de identidade percorrem até os dias atuais. Também utilizamos Souza (1987) e Ximenes (2009) quando essas nos falam como as roupas representam e organizam as identidades sociais e por fim usamos Ariés (1986) e Mauad (1997) abordando sobre a construção da criança dentro dos espaços sociais e por fim Costa (2008) quando cita sobre a dicotomia entre o cuidar e o educar na Educação Infantil. Os resultados, apontam que ao analisarmos as concepções de infância, criança e identidade que temos nos dias atuais, percebemos que as crianças de elite do Brasil Império ainda que participando de uma sociedade que lhes proporcionavam um conforto econômico, viviam em gaiolas invisíveis impostas por essa mesma sociedade, que ao mesmo tempo, as aprisionavam e as moldavam de acordo com as necessidades da época, e que na educação atual ainda se manifesta em diversos campos do ato de educar, através do erro de pensar a educação como ato apenas de cuidar, muito percebido na Educação Infantil. Por fim, concluímos que a criança de elite do Brasil Império era um sujeito aprisionado em sua própria identidade, forçado a assumir status sociais que não lhes cabiam e que muitas vezes negava a sua própria essência infantil, sendo por vezes um bibelô social de amostras da família.

**Palavras-chave:** Criança de Elite, Identidade, Brasil Império.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia e Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Email: [fabiolamaria@alu.uern.br](mailto:fabiolamaria@alu.uern.br)

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia e Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Email: [mateusholanda@alu.uern.br](mailto:mateusholanda@alu.uern.br)

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia e Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Email: [nadjadias@alu.uern.br](mailto:nadjadias@alu.uern.br)

<sup>4</sup> Graduando em Pedagogia e Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Email: [rafaeljunho@alu.uern.br](mailto:rafaeljunho@alu.uern.br)

5 Professora do Departamento de Educação- DE/CAPF/UERN. Email: [liviasonalle@uern.br](mailto:liviasonalle@uern.br)

## **INTRODUÇÃO**

Falar de identidade é sempre algo deveras intrigante, muitos são os caminhos que percorremos ao longo de nossa jornada, os diferentes momentos que passamos e consequentemente os posicionamentos que adotamos diante de cada situação de prática discursiva. Desse modo nosso trabalho se justifica na vontade de entender como acontecia a identidade da criança no período do império no Brasil.

Desse modo, em nossa pesquisa objetivamos analisar como se constitui a identidade da criança de elite no Brasil império. Para tal buscamos investigar e compreender os processos e vivências ao qual essas crianças estavam inseridas enquanto pertencente ao todo comunitário.

Para fins de metodologia, desenvolvemos nossa pesquisa a luz de Lakatos (2003) e suas concepções acerca da pesquisa com método dedutivo e de cunho qualitativa. Nossa pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e de campo.

Como referencial de teoria nos embasamos nas discussões de Bauman (2005) e Hall (2011) quando esses vêm nos traçar os caminhos que as teorias de identidade percorrem até os dias atuais. Também utilizamos Souza (1987) e Ximenes (2009) quando mencionam como as roupas representam e organizam as identidades sociais e por fim usamos Ariés (1986) e Mauad (1997) em que abordam sobre a construção da criança dentro dos espaços sociais e por fim Costa (2008) quando este vem nos falar sobre a dicotomia entre o cuidar e o educar na Educação Infantil.

Como resultados, compreendemos que ao analisarmos as concepções de infância, criança e identidade que temos nos dias atuais, percebemos que as crianças de elite do Brasil Império ainda que participando de uma sociedade que lhes proporcionavam um conforto econômico, viviam em gaiolas invisíveis impostas por essa mesma sociedade, que os aprisionavam e os moldavam de acordo com as necessidades da época e que na educação atual se manifesta em diversos campos do ato de educar, através do erro de pensar a educação como ato apenas de cuidar, muito percebido na Educação Infantil.

Por fim, concluímos que a criança de elite do Brasil Império era um sujeito aprisionado em sua própria identidade, forçado a assumir status sociais que não lhes cabiam e que muitas vezes negava a sua própria essência infantil, sendo por vezes um bibelô social de amostras da família.

## **METODOLOGIA**

Segundo o que postula Lakatos (2003) a respeito das metodologias científicas, nosso trabalho consiste em uma pesquisa de método dedutivo, uma vez que partimos de searas mais abrangentes para uma específica. Nossa pesquisa também se caracteriza como de campo e bibliográfica, pois utilizamos de teorias já postuladas para desenvolver o nosso trabalho. Caracterizamos ainda nossa pesquisa como qualitativa e interpretativa, uma vez que utilizamos critérios de avaliação para organizar nosso questionário e a partir das respostas obtidas da professora que se dispôs a participar, interpretamos os dados coletados.

Para a coleta de dados na construção do nosso *corpus* de análise dessa pesquisa estivemos em campo, aplicando um questionário de cinco perguntas a uma professora com formação inicial na área de Letras-Espanhol e atualmente em processo de graduação em Pedagogia. A professora tem especialização na área de psicopedagogia, dois anos de experiência com a Educação Infantil, um ano de coordenação escolar e atualmente ocupa o cargo de gestora a um ano e quatro meses.

A abordagem utilizada na realização deste documento é a pesquisa qualitativa, que busca aprender os fatos e fenômenos e não apenas registrá-los ou descreve-los, ou seja, faz a obtenção de dados descritivos, onde os pesquisadores buscam entender os fenômenos ocorridos a partir da perspectiva dos participantes da situação estudada, pois, a pesquisa qualitativa busca entender as dificuldades e condições de cada assunto abordado.

## **HISTÓRIA, IDENTIDADE E CRIANÇA**

Relativamente jovem, os estudos acerca das teorias de identidade ganham destaque a partir de mudanças que ocorreram no mundo a partir da Revolução Francesa<sup>5</sup> e da Revolução Industrial<sup>6</sup>, que tiveram como resultado os processos de aproximação entre as diferentes culturas mundiais, tornando o mundo, antes fragmentado, em um mundo globalizado, interligado.

Entretanto, a concepção de identidade segundo Hall (2011) não se limita ao período da Revolução Francesa, para o autor essas concepções surgem desde os primeiros questionamentos que os “sujeitos do iluminismo” (HALL 2011, p. 10) faziam a respeito de sua existência terrena,

---

<sup>5</sup> Revolução que aconteceu de 1789 e 1799 e que se tornou marco para o fim do absolutismo e dos privilégios monárquicos franceses.

<sup>6</sup> Revolução que marcou a transição dos processos de fabricação nos Estados Unidos, Europa e Grã-Bretanha. Teve seu início no ano de 1760 e terminou em 1840.

a “[...] pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado dotado das capacidades de razão de consciência e de ação [...]”, ou seja, um sujeito único, individualizado.

Além dos sujeitos do iluminismo, Hall (2011) categoriza ainda dois tipos de concepções de identidade, que ele vem chamar de “sujeito sociológico e sujeito pós-moderno”, sendo o grande diferencial entre esses sujeitos a falta de autonomia apresentada pelo sujeito sociológico, uma vez que ainda que percebendo e refletindo as mudanças sociais que aconteciam no espaço ao qual ele estava inserido, o sujeito social não apresentava segundo Hall (2011) um núcleo interior autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas.

Com os processos de globalização ocasionados pela aproximação entre os diferentes sujeitos culturais, surge o que Bauman (2005) vem chamar de era pós-moderna e a necessidade de os grupos minoritários viverem em comunidade, que segundo (BAUMAN 2005, p. 12) “[...] representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo o planeta[...]”, desse modo, viver em comunidade significa desenvolver uma blindagem, na qual todos os sujeitos presentes no grupo têm fundamental importância. Contudo, vale ressaltar que nesse processo de significação e ressignificação de identidades uma merece destaque nesse trabalho, de forma negativa, a identidade da criança.

Desde que se tem registro do tratamento com a infância, percebemos que esse sujeito é por vezes, ou quase sempre, negado em seu espaço social, assumindo por vezes o papel de adulto, de forma precoce e por outras infantilizado a níveis de recém-nascido. Percebemos isso quando Ariés (1986) vem nos falar que:

[...] as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja, aproximadamente, aos setes anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos de todos os dias. (ARIÉS 1986, P.193)

A criança durante sua trajetória social sempre esteve sujeita a servir a propósitos pré-estabelecidos pela estrutura da sociedade ao qual estava inserida, hora assumindo funções de um adulto em miniatura, hora sendo visto como uma espécie de vitrine social da família.

Essa ideia fica ainda mais presente quando analisamos os comportamentos e vestimentas das meninas e meninos de elite no Brasil Império. Crianças sempre adornadas, trajando roupas com caimento de alfaiataria, meias altas, sapatos de couro, cabelo sempre arrumado, destacando que a família, e mais precisamente o pai, é detentor de posses, parafraseando Ximenes (2009) uma criança vitrine, entretanto sem manifestação própria de singularidade, de identidade. Nessa

mesma ideia de Ximenes (2009), Souza (1987) vem nos mostrar como o uso das vestimentas serve para revelar as posições sociais que os sujeitos das comunidades ocupam no tecido social. Percebemos isso quando Souza (1987) nos fala que:

A qualquer momento, lançando os olhos à nossa volta, somos surpreendidos pelo heterogêneo que é a sociedade. De um canto de rua, vendo a multidão passar, podemos contrapor na corrente humana, que foge apressada, a diversidade de rostos, de falas, de ritmos, de andar, de corpos e roupas. As diferenças que captamos são o reflexo de profundos contrastes de tipo de vida, de nível social, de profissão, que os anos cristalizaram, impondo aos indivíduos como uma máscara. (SOUZA 1987, p. 55)

---

A partir da fala de Souza (1987) percebemos como a sociedade se organiza em classes diferentes que refletem o poder sócio econômico e indenitário do sujeito presentes nesses contextos, e assim, assumem diferentes identidades que se adequam ao momento vivido.

Com a criança do Brasil Império essa ideia de adaptação identitária não acontece de forma diferente do adulto, logo, as crianças de famílias de condições socioeconômicas privilegiadas assumem identidades condizentes a sua posição social, e assim por vezes, ou quase sempre negam sua própria essência de criança, se desprendendo de vivências próprias da sua condição infantil, como por exemplo o brincar na rua com crianças de vivências sociais menos favorecidas.

Desse modo, a identidade da criança ia sendo moldada aos costumes e vivências do mundo adulto, sob um conjunto de regras e rotinas pré-estabelecidas que segundo (MAUAD 1997, p. 140) eram aceitas “como socialmente validas”.

## **UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE DA CRIANÇA E A INFANCIA (RESULTADOS E DISCUSSÃO)**

Pensar a criança enquanto um ser social, pertencente a uma determinada comunidade é, por vezes, uma tarefa difícil, uma vez que durante muitos anos a visão da sociedade a respeito da criança estava limitada a ideia de um sujeito sem autonomia, incapaz de opinar a respeito do mundo, desprovida de conhecimento e conseqüentemente sem identidade, tendo suas opiniões vetadas e ignoradas pelo o todo social adulto.

Desse modo as crianças eram seres apagados socialmente até atingirem sua idade considerada de crescimento e assim participar da construção dos conceitos sociais. Contudo, sabemos que a criança carrega em si sua identidade e tem total autonomia para viver e crescer

da forma que lhe for cabível. Desse modo, aplicamos um questionário com uma pedagoga atuante na Educação Infantil de forma pretensa a analisar o conceito de construção identitária da criança no Brasil Império.

1. Qual a sua concepção de infância e de criança?

“Concepção de criança é reconhecê-la como um ser social, que é um membro de uma família e está inserida na sociedade. Já a concepção de infância está voltada para ações pedagógicas, em que é vista como um ser social, que tem direitos, sendo capaz de fazer, de brincar.”

1º Quadro: Resposta obtida da professora informante

A criança, dentro da construção da ideia de sociedade desempenha fundamental relevância na construção do tecido social. Contudo, nem sempre foi assim. Por vezes, durante seu processo de desenvolvimento social emocional, a criança teve sua subjetividade invalidada, e segundo Bauman (2005), sua identidade diminuída. Desse modo, contrapondo a concepção de criança que a professora informante nos transmite como resposta.

A criança como parte do tecido social necessita ter assegurado o seu direito do respeito pelo seu tempo de desenvolvimento, levando em consideração a sua subjetividade, cultura e características que fazem o ser humano desenvolver a sua autonomia.

2. Qual a sua concepção de Educação Infantil?

“É um período fundamental para o desenvolvimento de uma criança, em que ela passa a frequentar um espaço totalmente voltado para ela como as escolas de Educação Infantil em que ela irá aprender a brincar, socializar e desenvolver suas habilidades cognitivas e motoras.”

2º Quadro: Resposta obtida da professora informante

Nesse processo de desenvolvimento da criança, segundo Costa (2008), a educação infantil é vista com um olhar diferente em relação ao “cuidar”, sendo abordada somente como o cuidado da questão orgânica. Desse modo, segundo a professora informante, a criança no seu processo de desenvolvimento socio identitário precisará de auxílio externo para conseguir aprender as demandas sociais do espaço que está inserida, é nesse contexto onde é a educação infantil tem um importante papel, o de orientar, direcionar e ensinar a criança a obter esses conhecimentos. Importante retificar que a atenção voltada a parte orgânica é importante da necessidade da criança, mas não o foco central da educação infantil.

3. Qual a relação entre Infância, criança e Educação Infantil?

“Todas estão ligadas a um único ser que é a criança, sendo o foco sua aprendizagem, seu desenvolvimento, o ser social. Permeando pela construção histórica, social e cultural.”

3º Quadro: Resposta obtida da professora informante

A criança, assim como qualquer outro sujeito pertencente ao tecido social desempenha importante função nas demandas que a sociedade impõe. No campo educacional essas funções desenvolvidas pela criança não acontecem de forma diferente. Desse modo, ao ler a resposta obtida da professora informante percebemos que a criança demanda de vários processos para o seu desenvolvimento social e identitário, é nesse momento que a liberdade de pensamento deve ser reforçada, uma vez que ela é essencial para a formação da sua identidade e autonomia. Possibilitando assim que o percurso que a criança deve seguir aconteça de acordo com as concepções que estão em sua volta, logo, a mediação de um professor/a educador/a é necessário.

4. A infância ao longo dos anos foi negligenciada pelos diferentes sujeitos sociais, como você compreende a criança no Brasil imperial?

“Se tinha uma grande diferença entre a criança de elite e a escrava no Brasil imperial. Aquela nascida em famílias de nome tinham todos os direitos garantidos, brincar, estudar, mas as que nasciam em berços escravos muitas nem tinham o direito de nascer e eram separadas cedo dos braços da mãe e consideradas órfãs. Eram todas crianças, mas um nome as tornava seres diferentes, uma com direitos e outras sem direito nem mesmo de nascer.”

4º Quadro: Resposta obtida da professora informante

O percurso histórico da criança é marcado por muitos percalços, que conseqüentemente, temos alguns reflexos até hoje. Desse modo, podemos analisar na fala da professora informante que a imagem da criança e infância nos tempos de outrora era negligenciada, mesmo separadas por classes sociais elas não tinham o direito de crescer assumindo sua identidade infantil, passando assim a viver sem desenvolver sua primeira infância. Esse fato era percebido não apenas na realidade vivida pela criança da elite no Brasil, mas também nas crianças em regime de escravidão, que desde muito cedo eram separadas de suas famílias e postas a fazer tarefas do social.

5. De acordo com seus estudos como você entende a concepção de infância nos dias atuais em relação a infância no período imperial? E quais as implicações/ conseqüências desse fato na educação/ escola atual?

“Nos dias de hoje comparado ao período imperial, a criança tem tido um olhar especial, com direito a ser cuidada, a estudar, brincar e ter um lar. Sendo vista como um ser realmente social e não um objeto e independente da classe social seus direitos estão garantidos. A respeito das conseqüências percebidas na educação e na sociedade atual e que são resquícios dessa visão

socio identitária da criança no Brasil Império, percebemos que ela se manifesta, em todos os campos da educação, principalmente no erro de associar o ato educar as crianças, principalmente na Educação Infantil, no erro de tratar os professores como cuidadores/babás, impedindo assim que o desenvolvimento social e identitário da criança aconteça de forma satisfatória.”

5º Quadro: Resposta obtida da professora informante

A evolução da concepção educacional da criança teve um processo gradativo em relação ao seu desenvolvimento estudantil. Estudando Mauad (1997) percebemos que em tempos remotos a criança não tinha o direito de crescer e se desenvolver de maneira que pudesse aprender com suas ações, esse direito lhes era tirado devido as necessidades da demanda social. Dessa forma, segundo Bauman (2005) as identidades desses sujeitos eram negadas desde muito cedo, impedindo assim, que o ser criança desenvolvesse sua subjetividade. Hoje, felizmente temos um conceito diferente em relação a visão da criança, tendo o direito de nascer, viver, brincar, crescer e aprender. Contudo, não podemos negar os resquícios negativos deixados na educação.

Segundo a professora informante, esses rastros da educação de outrora são manifestados em diferentes fases da educação, na Educação Infantil por exemplo, eles se manifestam principalmente no erro de pensar, como nos fala Costa (2008) os educadores como cuidadores, dificultando assim, o desenvolvimento de um ensino de aprendizagem real nos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança ao longo dos anos viveu processos de marginalização/invalidação de sua identidade, sendo por vezes inseridas em construções sociais que não as representavam enquanto sujeitos comunitários. Dentro do contexto do Brasil Imperial o processo indenitário da criança foi marcado por diferença de classes e o não direito à educação pela maior parte da população infantil, bem como as concepções do ser criança, que por vezes era percebida como um ser adulto em um corpo infantil.

Com base nas respostas da nossa professora informante e das discussões desenvolvidas junto das teorias abordadas para a construção dessa pesquisa, podemos perceber como aconteceu o percurso de construção identitária e de vida das crianças do Brasil Império. No contexto educacional, essa ideia da criança como um sujeito incapaz de realizar qualquer ação de forma autônoma ainda é vista nos dias atuais, principalmente na Educação Infantil, quando por vezes percebemos o professor atuante nesse espaço assumindo a função de cuidador infantil, inviabilizando assim sua formação profissional.

Por fim, concluímos que a criança de elite do Brasil Império era um sujeito aprisionado em sua própria identidade, forçado a assumir status sociais que não lhes cabiam e que muitas vezes negava a sua própria essência infantil, sendo por vezes um bibelô social de amostras da família.

## REFERENCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zigmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

COSTA, Fátima Neves do Amaral. O Cuidar e o Educar na Educação Infantil. In: ANGOTTI, Maristella (Org.). **Educação infantil**: para que, para quem e por quê? Campinas/SP: Editora Alínea, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. ed. – São Paulo: Atlas 2003.

GESSINGER, Humberto. Somos que podemos ser. São Paulo. BMG. 1988. Disponível em : <https://youtu.be/x-GdKwYXUY> Acessado em 05/04/2023.

HALL, Stuart. **A identidade na pós modernidade**/ **Stuart Hall**; Tradução Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Rd. 1. Reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MAUAD, Ana Maria. A vida da criança de elite durante o império / in: **História das crianças no Brasil**. Mary del Priore. Editora Contexto, 1997.

SOUZA, Gilda de Melo. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove/ Gilda de Melo e Souza. \_São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.